

O sentido do passado e da história na memória popular: idéias sobre a história e o passado fora da escola

Marlene Rosa Cainelli

Resumo:

Quem nunca foi à escola teria um sentido de passado sobre a cidade, o tempo, a sociedade? Neste artigo pretende-se discutir o sentido que o passado e a história assumem para pessoas que nunca freqüentaram a escola formal. Como relembram o passado e quais relações estabelecem com a história? Qual o significado do passado e da história para aqueles que não tiveram acesso à escola e conseqüentemente ao conhecimento histórico?

Palavras-chave:

História. Identidade. Memória.

Professora Doutora do Departamento de História e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Coordenadora do Laboratório de Ensino de História. Líder do Grupo de Pesquisa: História e Ensino de História.

PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 517-537, jul./dez. 2005
<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>

Introdução

Neste artigo pretendemos discutir o sentido de passado e de história presentes nas narrativas de mulheres que não freqüentaram a escola e viveram no limiar entre o mundo letrado e o não letrado.

No século XXI em um cenário absolutamente sombrio, frio e úmido vagam as personagens desta história, numa Babel, em constante tensão entre a modernidade do futuro e a tradição dos povos milenares. O imaginário que criou este mundo faz vagar os seres humanos, sombrios como o espaço que os cerca, convivendo com criaturas criadas à imagem e semelhança de homens e mulheres chamados de replicantes, neste mundo imaginado pela ficção que também poderia chamá-los de andróides. Mais humanos que os humanos é como o *marketing* vende estes robôs. No entanto, o pouco tempo de vida destinado a estes seres, apenas quatro anos, criava um problema de armazenamento das experiências e emoções que desenvolviam, estas naturais para os humanos, como, por exemplo: ódio, medo, inveja, amor, mas que nos replicantes causavam ansiedade e obsessão. A solução encontrada pelos criadores seria dar para cada andróide um passado, criando assim uma espécie de amortecedor para suas emoções. O narrador da história se surpreende e argumenta: *Memória, você está falando de lembranças.*

A única coisa que diferenciava os humanos dos replicantes era o passado, em cada ser humano, pessoal e intransferível. A criação das memórias não poderia ser espontânea ou inventada; por isso foram transferidas de um ser humano para um andróide. Memórias verdadeiras numa espécie de transfusão de lembranças. Com as lembranças, ganharam aquilo que lhes faltava: humanidade.

Hoje diríamos que os clones assemelhar-se-iam aos replicantes de Blade Runner que hipoteticamente carregariam uma memória que não é sua e sim herdada do embrião humano de onde foi gerado. As lembranças nesse caso seriam entendidas como intrínsecas ao sujeito, entranhadas no DNA de cada um. Como o clone compartilha uma vida com outro, também compartilharia suas memórias e suas trajetórias seriam compartilhadas pelo passado já vivido pelo outro. A consciência do passado seria, então, comum aos seres humanos, uma característica original.

Para Ridley Scott aquilo que nos tornaria humanos é a relação que estabelecemos com nosso passado. Nas emoções e valores construídos através da história e das tradições que nos envolvem, não apenas nosso passado vivido, mas também aquele passado das gerações, dos avós, bisavós, um passado ancestral.

Sentidos do passado

Nosso interesse nesta pesquisa desenvolveu-se na perspectiva de perceber qual sentido teria o passado para mulheres que viveram parte das suas vidas no campo e hoje vivem em cidades¹. Mulheres que trabalharam em atividades rurais e urbanas e não foram à escola. Entendemos que as lembranças que temos e o passado que recordamos sustentam nosso sentido de identidade. Segundo Rüsen (2001) todos os seres humanos teriam uma necessidade antropológica de estabelecer um sentido de passado, uma orientação no tempo que permitiria ao ser humano uma localização espaço-temporal. É o que ele chama de consciência histórica que articularia o passado como experiência, dando sentido e caminhos para o presente e o futuro, a consciência histórica seria como um campo de ação orientado por este passado.

É através das percepções que temos dos tempos passados que formamos nosso presente. As coisas que fazemos cotidianamente remontam ao passado, ao mesmo tempo em que fazem parte do presente. É a forma como fazemos café, arrumamos a cama, damos conselhos. Há nessas tarefas, aparentemente banais, uma tensão constante entre o passado que vivemos e o presente que estamos vivendo. O passado é como um mundo à parte convivendo com o presente, em um tempo contínuo interposto, sobrepostos de presente e passado e futuro. No entanto, o passado por ser das dimensões do tempo aquela impossível de frequentar, pois não existe mais, o transforma em um lugar incerto, fugidio. É apenas aquilo que podemos lembrar: não podemos refazer o caminho e reencontrá-lo. Um dos grandes mitos sobre o tempo passado é a possibilidade das viagens no tempo, a possibilidade física de se deslocar através das dimensões temporais.

Nesse sentido o que torna o passado real são as lembranças que temos dele. Não importa como tenha sido, visto ser impossível vê-lo ou retorná-lo. O que dá sentido ao nosso passado é o que lembramos dele. É somente aí que ele existe. Como afirma Lowenthal (1998, p. 67),

não podemos verificá-lo pela observação ou pela experimentação. Diferentemente dos lugares geograficamente remotos que poderíamos visitar se fizéssemos um esforço, o passado está além do nosso alcance. Fatos presentes conhecidos apenas

indiretamente poderiam, a princípio, serem verificados; fatos passados, por sua própria natureza, não o podem.

E por estar além do nosso alcance é que a imagem do passado é fugidia, algo muitas vezes entre a ficção e a realidade. Para não parecer fictícia a lembrança precisa ser partilhada.

Na verdade, precisamos das lembranças de outras pessoas tanto para confirmar as nossas próprias quanto para lhes dar continuidade. Ao contrário dos sonhos que são absolutamente particulares, as lembranças são continuamente complementadas pelas dos outros. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam sua emergência (LOWENTHAL, 1998, p. 81).

O passado que recordamos é ao mesmo tempo pessoal e social, mesmo nas lembranças mais íntimas há um componente coletivo de memória. Seja no modo como amamos, sofremos ou somos felizes, não há representações totalmente novas, há um todo há muito construído.

Mais importante ainda é o fato de, em todas as formas de conhecimento, fundamentarmos sempre as nossas experiências particulares num contexto anterior para garantirmos que são de todo inteligíveis e que, antes de qualquer experiência isolada, a nossa mente se encontra predisposta com uma estrutura de contornos, de formas conhecidas de objetos já experimentados (CONNERTON, 1993, p. 7).

A memória é a capacidade de lembrar de um tempo que não foi vivido, mas que constantemente é relembrado por diversas gerações. O passado e o presente convertidos em tempo único. A duração variável do passado é um tempo impossível de ser medido e quantificado. Afinal, quanto de passado existe em nossas memórias? Se pensarmos no tempo linear, o passado é o segundo que acabou de acontecer. Nesse sentido, o presente é a medida de tempo mais curta entre os tempos e o futuro um tempo que não existe, pois nunca é alcançado.

As mulheres que entrevistamos para esta pesquisa² abriram espaço em suas vidas para relembrar seus passados. Nos momentos em que voltavam seus pensamentos para o passado, muitas das recordações que vinham à tona eram angustiantes; em alguns momentos chegavam a chorar e se emocionar com as lembranças, principalmente quando envolviam seus mortos. Aqueles que só vivem na memória e são constantemente revividos e trazidos ao presente. Este cenário que observam a partir do agora tem nas palavras de Simone de Beauvoir, sobre o passado, sua melhor definição (LOWENTHAL, 1998, p. 74):

O passado não é uma paisagem tranqüila repousando atrás de mim, um campo pelo qual possa perambular livremente, e que me mostrará gradualmente todas suas montanhas e vales secretos. À medida que eu avançava, também ele se desintegrava. A maioria dos destroços que ainda podem ser vistos é pálida, distorcida, congelada; seu significado me escapa.

O fato de vivermos o passado no presente e não conseguir modificá-lo, tornaria o passado algo imóvel no tempo, congelado; estaria lá e de lá não poderia sair, não há para onde ir. O significado dessa imagem do passado paralisado no tempo força o indivíduo a refazer várias vezes o trajeto entre o passado e o presente. O passado só existe porque o presente o recorda. “Assim como somos produtos do passado, também o passado conhecido é um artefato nosso.” (LOWENTHAL, 1998, p. 113). A relação entre o que lembramos e a forma como pensamos no presente, fazem do passado algo que vive entre o que aconteceu e a forma como hoje vemos o acontecimento.

Reviver o passado é impossível. A arte de relembrar produz o efeito de reescrever ou reler os acontecimentos vividos. As entrevistadas no ato de lembrar fatos cotidianos de suas vidas produzem representações sobre o passado coletivo e individual. No efetivo exercício da memória, “o ato de rememorar encontra um conjunto de intenções conscientes e inconscientes que selecionam e elegem – escolha que é derivada de incontáveis experiências objetivas e subjetivas do sujeito que lembra.” (MALUF, 1995, p. 70). As depoentes ao olharem para trás traçam, sobre o passado, considerações que reforçam a idéia de que o sentido do passado para elas tem a ver com trabalho, mudança e sofrimento.

Perguntamos a Dona Maria de Lourdes³ sobre o passado, o que significava para ela:

“O passado é coisa que já passou, já foi, já passou o tempo, é coisa que ficou lá atrás. Quando a gente lembra do passado, eu e meus irmãos, a gente sempre chora ou ri muito. Lembra de coisas como quando meu pai quis bater em mim, eu tava com 15 anos, nunca tinha me batido, ele pegou uma vara e fez vento no meu vestido, quando a gente lembra disso meu irmão chora, porque lembrar o passado é assim, às vezes alegre, às vezes triste, mais é bom lembrar [...]” (DONA MARIA DE LOURDES).

Ao pensar no sentido do passado, Dona Maria de Lourdes reencontra a angústia das lembranças coletivas da família de irmãos, treze irmãos, que se reúnem em festas de Natal, Páscoa e sempre acabam falando sobre

o passado, principalmente sobre a infância e a adolescência passadas em Borda da Mata, Minas Gerais, tempo, segundo ela, de muito trabalho, que lembra com nostalgia, apesar do sofrimento. Em outra passagem sobre as lembranças do passado, Dona Maria de Lourdes estabelece uma interessante relação sobre o que lembra do passado e o que de fato aconteceu, intuindo que talvez o momento presente construa nossas lembranças.

“Quando a gente era criança, meu irmão lembrou, que eu cozinhava, né, e ele lembrou de uma macarronada que eu fiz para ele, eu fiz uma macarronada e misturei feijão, ele diz que não agüenta de vontade de comer essa comida. Esse meu irmão toda vez que eu vou na casa dele ele lembra dessa macarronada, acho que antigamente era difícil as coisas e tudo que a gente fazia era gostoso, para quem tava com aquela fome, porque antigamente também se tinha uma fome tremenda, o trabalho era duro e ele sempre fala que minha comida era muito gostosa, acho que é porque hoje as comidas não são como naquele tempo. Vê só, ele diz que eu fiz a macarronada e virei feijão dentro, ele diz que sente até o cheiro quando lembra, acho que ficou bom mesmo, a gente não faz mais isto hoje.”(DONA MARIA DE LOURDES).

São sensações despertadas pela memória, como o cheiro e o sabor de uma comida que não se esquece. Ao intuir que talvez o irmão se lembre da macarronada, porque as comidas de hoje não são iguais às de antigamente, Dona Maria de Lourdes refaz o caminho da memória, que olha o passado com os olhos do presente e, através das sensações despertadas por este olhar, define as representações sobre o passado. Ao classificar a macarronada de ontem como uma comida gostosa, constrói conceitos que diferenciam o ontem do hoje como, por exemplo, o tipo de comida de que se gosta e a representação sobre a relação entre trabalho e apetite: antes se tinha muita fome, pois o trabalho era braçal e duro, hoje já não se tem tanta fome com trabalhos menos cansativos.

Dona Izaudite, quando perguntamos sobre o que significava passado, respondeu:

“O passado, se for o meu, não foi muito bom não, muita dificuldade, as crianças pequenas, meu marido trabalhava na Cerâmica Mortari, aquilo é passado, ficou a placa ali em cima escrito Cerâmica Mortari, agora é o Condor, mas eles deixaram o passado lá, ficou a placa. Eu conheci meu marido debaixo daquela placa, era a entrada da fábrica. Ele era pobre, muito pobre, então eu casei por amor mesmo. Sabe, outro dia eu lembrei do passado, fui numa exposição e vi meu passado, minha casa, aquelas prateleirinhas de madeira na parede, aí eu recordei, viu, que na minha casa tinha aquelas prateleirinhas, quando eu casei, os pratos tudo empilhadinho, ponhava toalhinha de papel, não tinha

pano pra pôr nas prateleira, os colchões feitos de palha, sabe, milho, minha mãe tirava a palha do milho e enchia os colchões, os lençóis eram de sacos emendados, isto é passado, hoje é tudo diferente.” (DONA IZAUDITE).

Para Dona Izaudite o passado está nas marcas que ficam, nos vestígios que provocam a memória, na placa da antiga fábrica⁴, que envolve passado e presente. A modernidade do presente representada pelo gigantesco supermercado e a placa que reluz solitária sem significado para os transeuntes, com sentido apenas para aqueles que viveram a história do lugar e guardam as imagens do passado. Os móveis e utensílios domésticos que trouxeram à Dona Izaudite o passado de volta – *eu vi o meu passado* –, a imagem projetada pelos objetos mistura várias épocas, traz o sentimento de proximidade do passado. Fragmentos antigos trouxeram a imagem da primeira casa após o casamento e as lembranças da mãe fazendo o colchão de palha, são histórias revividas no momento e surgem na memória ganhando sentido a partir de então, dando vida ao passado adormecido.

Na tentativa de perceber o sentido do passado é possível perceber, através da observação das fotografias, a percepção de que, para alguns, as fotografias “representam momentos congelados, estáticos, apartados da experiência vivida.” (LOWENTHAL, 1998, p. 177). Para nós significam momentos de recordações que ganham vida, sempre que acionados pela memória.

Perguntamos a Dona Maria de Lourdes sobre objetos antigos deixados pelos pais, se ela tinha o costume de guardá-los. Nossa intenção era tentar perceber que relações a depoente estabeleceria com os objetos de memória. Perguntamos também se ela tinha fotografias antigas e se costumava vê-las.

“Eu tenbo e muitas, tenbo fotos de quando a gente era criança, nós tudo solteiro, inclusive meu pai morreu em julho do ano passado e eu trouxe a foto agora no aniversário da minha mãe, foi um choque para a família, quando a gente vê esta foto, sabe, tá a família inteira, meu pai, minha mãe, meus irmãos, todos juntos, só falta os dois irmãos que minha mãe não tinha ganhado ainda. Eu olho aquela foto, meus irmãos tudo pequeninbo, eu cuidei deles todos, eu sou a mais velha, dá uma tristeza, agora tão tudo velho, sabe, quarenta, cinqüenta anos, e eu tenbo a foto deles pequenos. Mas a foto tá guardada, eu tinha esquecido de como eles eram bonitinhos, eu cuidei deles, era como uma segunda mãe, é uma lembrança, né, eu tenbo fotos dos meus avós, da minha mãe, do meu pai, tudo. Uso guardá tudo [...]” (DONA MARIA DE LOURDES).

Passado e presente estão representados na preciosidade que Dona Maria de Lourdes guarda em casa, os irmãos congelados na imagem, como a lembrança quase fugidia que se ancorou nos “objetos-lembrança,

capazes de vencer o esquecimento: a memória inscreve-se nos objetos e apenas estes (através das sensações que despertam) podem fazê-la reaparecer.” (SEIXAS, 2002, p. 81). No caso de Dona Maria de Lourdes, a sensação da maternidade, da beleza infantil, de um certo sentimento de proteção para com os irmãos menores. Há ainda na fala da depoente, a questão da imortalização do pai, que acabara de morrer, na fotografia que manteria para sempre a família unida. Mesmo que os sujeitos começassem a desaparecer, permaneceriam ali sempre que a memória ao objeto recorresse. As fotos de família servem tanto como estímulos à memória quanto como auxílio para sua confirmação, tornando nossas recordações mais fiéis ao passado real (LOWENTHAL, 1998).

No caso de Dona Izaudite, o sentimento despertado pelas fotografias diz respeito à identidade.

“Guardo as fotos, sempre olho e fico com muitas saudade, fotos dos meus pais juntos, minha avó e minha mãe, a gente fica lembrando, né, eu e minha irmã, só sobrou nós duas, morreu todo o resto da família, pai, mãe, irmãos, a minha mãe parece muito comigo, sabe, minha vó também, a gente sempre comenta, realmente eu pareço muito com minha mãe [...] é só o que a gente tem pra lembrar deles.” (DONA IZAUDITE).

A fala de Dona Izaudite se reveste da busca da identidade ancestral, a semelhança entre mãe e filha, dando sentido ao passado das gerações. Sabe-se que não é começo, pois já existira alguém no passado, referência concreta de sua existência. Outra questão relevante no depoimento é a memória garantida pela imagem congelada na fotografia, é a relíquia que mantém o passado e garante sua permanência. Todos estão ali sempre que as irmãs sentam-se para recordar. Partilhar as memórias é dividir as opiniões, a experiência sobre o vivido é construir um novo passado. O tempo da lembrança não linear é sobreposto em várias dimensões, funde-se num tempo incerto simultâneo ao tempo presente.

O sentido do passado para Dona Margarida está gravado na passagem do tempo:

“Tenho poucas fotos [...] Dos meus filhos pequenos [...] Agora tudo moço, já casado [...] Foi tudo sempre junto, né, só saiam da nossa casa pra casar, e tudo eles casou [...] Olha, tenho uma foto minha... (fica um tempo em silêncio, passando as mãos no cabelo) mocinha [...] Bonita [...] Tinha um cabelo comprido de dá gosto [...] Era moça [...] Agora tenho 73 anos [...] Imagina quantos anos não faz [...]” (DONA MARGARIDA).

O passado registrado nas fotografias de Dona Margarida representa a passagem no tempo, dos filhos pequenos, agora casados, e das marcas que o tempo deixa na aparência antes moça e bonita, hoje, aos 73 anos, ainda com cabelos compridos, mas não admirados por ela como antes. O passado não tem um tempo definido; o espaço dos acontecimentos é sempre inexorável, sempre em movimento. Assim como em Benjamim, o movimento da história impele o anjo para o futuro, deixando as ruínas aparentes. No caso de Dona Margarida, o crescimento dos filhos o embranquecimento dos cabelos.

Dona Ermelinda guarda as fotografias que tem a garantia do não esquecimento dos que já foram.

“Tenho algumas fotografias da família, quando eu era criança não tinha isso de máquina, não. Tenho dos meus filhos. Tenho uma foto do meu marido que morreu assassinado, eu sofri bastante, nossa, nós sofreu muito, eu e meus filhos, fiquei com quatro pequenos pra criar. Às vezes eu esqueço dele, da feição dele, sabe? As crianças também não lembram, aí eu mostro a foto [...] No momento que ele me deixou foi um sofrimento [...]” (DONA ERMELINDA).

Na fala da depoente a mistura dos tempos se reflete nas incertezas dos sentimentos, ora felizes ora tristes. A perda do ente querido é a referência da memória, no entanto, é interessante notar as armadilhas da memória: o esquecimento. A imagem na fotografia garante a permanência da memória e a existência do sujeito.

Tendo como base a idéia de que as representações sobre o passado permanecem em vestígios espalhados pela cidade, tentamos perceber se o sentido do passado é vislumbrado pelas depoentes. Perguntamos a elas sobre a antiguidade dos prédios de Londrina⁵, se poderiam indicar qual o mais antigo e quais as diferenças que percebiam nesses edifícios. Também perguntamos sobre os locais que achavam ser os mais antigos da cidade. Tentamos demarcar com elas passado e presente, mesmo tendo consciência de que os artefatos que mencionamos guardam simultaneamente marcas do ontem e do hoje. Entendemos, no entanto, que os papéis sociais que representaram e representam para a cidade indicam as demarcações que buscamos.

Pedimos a Dona Maria de Lourdes que indicasse alguns prédios que ela imaginava serem antigos em Londrina. Ela ficou muito pensativa antes de responder: *“Não fico reparando se um prédio é mais velho que outro. Mais acho que é a rodoviária velha é o primeiro prédio de Londrina.”* (DONA MARIA DE LOURDES). Perguntamos a ela por que achava que a rodoviária seria o primeiro:

“Porque parece antiga, nem é mais usada, já fizeram uma nova, que nem a delegacia velha, que já derrubaram tudo, deve ser mesmo os mais antigos, já é até outras coisas lá, não são mais nem rodoviária, nem delegacia, já tem outras novas.”(DONA MARIA DE LOURDES).

O sentido do passado que aparece no depoimento de Dona Maria de Lourdes está longe do sentido que seria atribuído por um historiador ou um arquiteto que se propusesse a observar a rodoviária de Londrina. Erguida na década de 1950, é um projeto arquitetônico de João Batista Vilanova Artigas⁶. Fica no centro da cidade e abrigou o transporte de passageiros até a década de 1980. Para a depoente o significado do passado está na perda das funções dos prédios, tanto a rodoviária como a delegacia. Abandonadas as funções para que foram criados, ficam velhos na opinião da depoente. Os resíduos dos tempos passados fundaram-se nas interpretações de Dona Maria de Lourdes, aquilo que repetimos diante de coisas antigas ou mesmo com relação ao corpo humano, o que é velho perde o sentido.

Dona Izaudite respondeu recorrendo aos seus primeiros tempos de Londrina

“Antes tinha umas casas de palmito, folha de coqueiro. Depois tinha uma casa de madeira, lá na Vila da Fraternidade, nem conjunto não era, ainda, depois no fim da rua, não tinha nada, então nós vinha pegá fruta, era laranja, era cidra, era tudo, cada fruta que era uma beleza, foi tudo derrubado depois para fazer casa. Depois vim pra cá, era tudo igual. As casinhas, de material, dois quartos, sala cozinha. Lembro quando tava fazendo asfalto, tinha que fechar todas as portas, porque senão aquele piche vinha tudo dentro de casa. O lugar mais antigo é aquele que o povo fala, o Barro Preto. O prédio mais antigo é aquele da Sergipe, há uns vinte anos atrás já era velho.” (DONA IZAUDITE).

A mudança dos cenários da cidade, que perde suas características rurais com o progresso, está presente na fala da entrevistada que pensa a natureza, onde colhia frutos, como a representação do passado. O asfalto e a urbanização como sinônimo do progresso é o que ela afirma ser o passado, a mudança do território que circunda sua vida cotidiana. A construção narrativa de Dona Izaudite estabelece, como marco de representação sobre o passado, os materiais usados nas construções das casas onde morou. A primeira casa de palmito⁷, a segunda casa de madeira (ainda muito comum na região) e a terceira de material, forma como ela se refere às casas de alvenaria.

O lugar mais antigo mencionado por Dona Izaudite é uma localidade nos arredores da cidade, que guarda uma história de fugitivos e comunidades formadas por aqueles que fogem de algum lugar. No caso, o

Barro Preto, na verdade Bairro Preto, segundo conta a tradição popular, é um lugar onde se esconderam os fugitivos da Guerra do Contestado, lá constituindo uma comunidade. O nome Barro Preto é uma referência ao solo de argila escura que cobre a região.

Dona Ermelinda e Dona Neuza identificaram a ferroviária como a construção mais antiga, quando perguntamos por quê, responderam que era por causa do trem. “*Tinha um trem, não tinha, tinha o apito, a gente sabia a hora pela chegada do trem, agora não tem mais, não vem mais trem, até os trilhos foi tirado.*” (DONA ERMELINDA E DONA NEUZA).

A simbologia do trem escolhida por Dona Neuza e Dona Ermelinda para exemplificar o passado contrasta com a modernidade e o progresso que o mesmo representou no início da cidade⁸. Para as depoentes o trem significa a passagem do tempo, o antes e o depois, simbolizados na marcação das horas, o tempo marcado pelo apito do trem. Sua extinção significou o fim de um hábito, de um costume, que passou a significar o passado. A vida modificada pela alteração da rotina marcou as lembranças dessas duas mulheres. É importante pensar que esses testemunhos significam que tais marcas permanecem como vestígios da história. O fim do artefato, no caso o trem, não fez com que desaparecesse sua existência, ficando na memória das depoentes por marcar uma mudança de costume. A ruptura marcada pelo fim do apito do trem marcou a mudança dos tempos, do antes, passado, para o depois, presente.

Dona Neuza e Dona Ermelinda apresentam, assim como Dona Maria de Lourdes, sobre a rodoviária o mesmo significado para o fato da ferroviária ser o prédio mais antigo da cidade. O fim da sua primeira utilidade, a perda da função de local de passageiros, fez dele um lugar antigo, fez dos prédios lugares de passado. A percepção de que estes artefatos vêm de uma época anterior propicia um sentido de história. Se os objetos parecem antigos, acreditamos que eles venham de um passado histórico. Eles perdem suas funções originais como a rodoviária e a ferroviária, que viraram museus, mas continuam existindo como edificações, exibindo sua aura de antigüidade.

Para a mesma pergunta, Dona Margarida respondeu que não tinha o costume de ir à cidade e, quando ia, era tão rápido que nunca tivera tempo de observar se os prédios eram antigos. Afirmou: “*mais eu sou mais velha que a cidade*”⁹. Poderíamos afirmar que, para a depoente, é impossível pensar em história no âmbito das suas próprias recordações, a história da cidade só seria possível se tivesse vindo antes dela.

No caso de Dona Tereza, quando lhe perguntamos sobre o lugar mais antigo de Londrina, a resposta foi uma declaração sobre as diferenças da vida na zona rural e na zona urbana:

“O sítio em que eu vivia, lá eu tinha liberdade, nós saía pelos matos, ia nos rio pescar. Minha mãe morreu no sítio com 101 anos [...] a gente lá tinha de tudo, não era preciso comprar quase nada, a gente plantava, a gente colhia, na roça dava gosto trabalhar, né. Depois, na cidade, não tinha emprego, tinha que comprar tudo, eu tive que lavar roupa pra fora, mas não reclamo, era trabalho. Mais na roça tem a terra, a gente planta é melhor [...] tenbo saudade daquele tempo [...]” (DONA TEREZA).

O passado é dividido entre as mudanças do mundo rural para o mundo urbano. A ruptura do espaço de vivência determina as lembranças e a memória do que é bom e do que é ruim. O tempo da roça é bom, está no presente, o passado é uma referência quase implícita: *“Tenbo saudades daquele tempo”*. É o tempo da natureza, da fartura, da vida longa porque sem preocupação, *“não é preciso comprar quase nada”*. É preciso levar em consideração que, para a depoente, mudar-se do campo para a cidade representou uma mudança significativa em sua vida, marcada pelas diferenças que ela impõe entre os dois mundos.

Para Dona Nadir não existe um lugar mais antigo, pois faz pouco tempo que ela mora em Londrina e não conhece a cidade. Para ela o que há de mais antigo está relacionado ao tempo em que não morava em lugar algum e vivia mudando de cidade em cidade.

“O que é antigo aqui eu não sei, nunca ouvi falar. Na minha vida a coisa mais antiga é viver mudando, meus pais tinham vida de cigano, viviam mudando, era muito ruim [...]. Chegava e já ia embora... Não me lembro de nada, de lugar algum [...] Só lembro agora que moro aqui há bastante tempo, desde 1984. Agora dá pra lembrar [...]” (DONA NADIR).

O passado para Dona Nadir parece envolto em sombras; as frequentes mudanças impediram a conservação da memória. O passado não possui existência própria, existe apenas enquanto memória ou história. A inexistência do passado para a depoente está vinculada à ausência de vínculos do tempo da infância e da idade adulta. Dos tempos das mudanças aparentemente não lembra nada. No entanto, recorda-se de sentimentos de insegurança, de sofrimento, causados pelo estilo de vida cigano da família. Manteve inclusive o conceito para recordar-se, os pais pareciam ciganos, *“pessoas que não têm parada”*.

O contrato de esquecimento produzido pela memória de Dona Nadir é surpreendente. Quando lhe perguntamos sobre o que o pai fazia, respondeu lacônica: *não sei*. Sobre o nome das cidades em que morou, respondeu da mesma forma: “*Não sei, não me lembro*.” No entanto, ao referir-se à mãe e ao trabalho que fazia emocionou-se:

“Minha mãe era mãe e pai para nós, trabalhava de bóia-fria, ela enfrentava tudo, às vezes lavava roupa pra fora em troca de uma panela de arroz e de feijão, para dar pra gente comer, assim ela criou a gente, sempre trabalhando [...] no que dava [...]” (DONA NADIR).

Ao falar da mãe, o passado passa a existir, o mesmo passado inexistente ganha contornos, traços e feições. Lembra-se do esforço da mãe para criar os filhos, dos tipos de trabalho que fazia e dos lugares onde morou: “*Cada lugar [...] mais minha mãe arrumava um trabalho, não tinha medo*.” (DONA NADIR). O passado para Dona Nadir existe como sentimento, não em lugares ou fatos, não como um passado datado, mas um passado sentido.

É possível com as respostas das depoentes chegar a uma conclusão sobre os sentidos que dão ao passado? Diferentemente das possibilidades que se abrem quando analisamos dados objetivos, o trabalho com as subjetividades no remete a questões como os ritmos de trabalho, hábitos, costumes, sentimentos. O que levamos em conta são as periodizações impostas não por calendários formais e sim por calendários construídos nos modos de vida, no plantio do café, na morte dos pais, no casamento, no nascimento dos filhos, nas mudanças de cidade. Estes são os dados de que dispomos para compor nosso mapa conceitual sobre o sentido do passado para as entrevistadas.

Entre as falas das depoentes sobressaíram suas relações com o mundo do trabalho. Através das experiências que relataram foi possível compor uma história do trabalho que envolveu as atividades no campo e na cidade e que, a partir do lugar de onde falavam, indicaram como a memória construiu um sentido para o passado. Sentido de passado construído a partir das interpretações das experiências no mundo do trabalho. Nesse sentido, para Rüsen (2001, p.62),

o passado é, então, como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreenderem, mediante o que dela ecoa, o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mais precisamente o que mexe com eles) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido.

O passado falado e evocado pelas narrativas penetrou nas florestas de cada depoente, percorrendo as lembranças, recuperando cada experiência no local em que o passado é levado a falar e o passado só fala quando é questionado e provocado. Nesse caso, a provocação foi efetivada pelas entrevistas que criaram um elo de ligação entre o passado e o futuro tendo o presente realizado a mediação entre os tempos. O sentido dado ao passado pelas entrevistadas ganha significação no momento em que articulam as interpretações do presente e as expectativas do futuro, formando passado, presente e futuro uma unidade integrada (RÜSEN, 2001, p. 65).

O passado, material bruto da história, tem para as depoentes diversos sentidos, que atravessaram suas vidas e continuam permanentes. A memória dos seus feitos, de suas ações, de seus sofrimentos, as lembranças daqueles que se foram, mas estão presentes em cada fragmento de passado relembrado, em cada costume e hábito que se repete todo dia. O sentido do passado é a percepção de que a vida de cada uma tem uma história, que não tem início em sua história, mas em outros passados, em outras histórias.

Difícil para as depoentes perceberem que o passado só ganha sentido no momento que é interpretado à luz das experiências que viveram. O melhor caminho para o entendimento do passado são as ações que realizamos no presente. O passado é dotado de sentido no momento em que retornamos a ele e conseguimos explicações para o presente e expectativas para o futuro.

Em vários momentos, ao responderem sobre o que sentiam sobre o passado e como faziam para recordar, as depoentes responderam que olhavam fotos, tocavam objetos, conversavam com os irmãos, maridos, filhos. Relembavam principalmente da infância, dos pais e dos irmãos pequenos. Um passado recordado pelas coisas que foram ditas e feitas, como diz Dona Maria de Lourdes, lembrando um desses fragmentos de infância:

“A gente se reúne lá em casa e fica lembrando o passado, outro dia a gente lembrou de um dia que meu pai quis bater em mim, eu era criança. Saí correndo e os pequenos atrás, ele pegou uma vara e fez vento no meu vestido [...] Meu irmão não agüenta as lembranças, sai desesperado chorando [...] Porque lembra do passado.” (DONA MARIA DE LOURDES).

A dor das lembranças de voltar e olhar o passado é o princípio fundador da construção da história. É o passado recortado, escolhido, datado que constitui a história de cada uma dando sentido ao presente e garantindo a existência do futuro, que só é possível pelo conhecimento e interpretação do passado.

A percepção da História na memória popular

E sobre a história? Quais seriam as representações das depoentes? Nossa intenção era tentar perceber se as depoentes tinham alguma percepção sobre feitos e ações que os homens realizam e como essas ações estariam ordenadas no tempo, constituindo-se em conceito inicial de história. Para tanto, perguntamos às depoentes o que entendiam por História.

Dona Tereza respondeu assim à questão: “*Matemática é conta, português é ler e escrever, história não sei bem não.*” O fato do passado não ser concreto e o objeto do ensino da História ser o passado deixa incerto o seu conhecimento. A narrativa histórica não consegue dar conta do seu objeto; é impossível ao historiador recuperar a totalidade de qualquer acontecimento histórico. (LOWENTHAL, 1998) Grande parte das informações sobre o passado não foram registradas, perderam-se. O historiador seleciona o que vai ser guardado e registrado como história.

O que seria ensinado em História? Em Português, ensina-se a ler. Em Matemática fazer contas. E em História? Perguntamos a ela se sabia o que se ensinava em História. Ela respondeu, depois de pensar muito, que não sabia, mas devia ser *histórias de gente importante*. O ensino de História por muito tempo referendou essa análise de Dona Tereza sobre a História, era a História dos heróis da pátria, dos homens ilustres, personagens épicos que escreveram a história com suas atitudes heróicas. A capacidade de escrever a história estava com estes homens e era através deles que conhecíamos o passado.

Dona Izaudite lembrou de ter visto em algum livro “*A história de Pedro Álvares Cabral, tem a história todinha dele, uma coisa! Não lembro o que estava escrito, mas eu tenho livros, tenho um monte de livros lá em casa. Tem a história de bastante gente importante, eu não lembro os nomes, mais sei que tem.*” (DONA IZAUDITE).

A representação sobre a história de Dona Izaudite é a mesma: História é a biografia dos homens importantes, que estão nos livros. Esta é a História das nações, que ganhava consistência com os feitos de seus heróis. Era uma História basicamente política, essencialmente relacionada ao Estado, eram as histórias dos estadistas, dos militares.

As representações sobre a História da qual compartilham as duas depoentes relegavam ao anonimato o restante da humanidade que não participava da história ou, no máximo, possuía um papel secundário. Não havia, por parte dos historiadores, interesse nas histórias das pessoas comuns, até porque as pessoas comuns não tinham grandes feitos para se-

rem imortalizados pela história e também não havia registro da sua participação nos acontecimentos históricos. Nesse caso estamos falando dos documentos; como falar de fatos que não estão documentados? E os documentos oficiais expõem a vida dos notáveis. A referência do livro é Pedro Álvares Cabral. Os indivíduos que possuem nome na história são aqueles notadamente importantes. O livro de história a que Dona Izaudite se refere não cita o nome dos marinheiros que o acompanhavam no dia que “descobriram o Brasil”, apenas alguns ganham o direito de terem seus nomes perpetuados no “panteão da História nacional”.

Dona Maria de Lourdes deu a seguinte resposta: “*história é história, eu conto uma história, você conta outra.*” De certa forma a depoente entende a história como sendo várias. Não há uma única história e todos podemos contá-las. Há na fala de Dona Maria de Lourdes a idéia de que a história é uma coisa pessoal. As histórias que contamos são nossas, não coletivas. O ponto de vista que olha o passado é particular, não reflete entrelaçamentos entre a própria história e a história do outro. A história do grupo é uma sobreposição de histórias que não se encontram. Em outro momento, Dona Maria de Lourdes deu outra definição para o que ela entende como história:

“Quer ver, tem também histórias de assombração. Meus irmãos iam estudá, que meu pai soltou eles, eles foram um dia só porque contaram uma história de assombração. Diz que numa ponte que eles tavam passando, tinha uma voz que falava e que queria pegar eles. Não sei bem o que eles viu na ponte, mas eles fez um grito quando ia chegando em casa, fez minha mãe sair correndo pra acudir os dois. Isso é história, de assombração, hoje quase não existe mais.” (DONA MARIA DE LOURDES).

As histórias populares sobre assombrações poderiam certamente sustentar, como fontes, os estudos sobre o imaginário das populações da zona rural brasileira. Uma tentativa de registrar a forma como pensavam as pessoas comuns e quais universos de representações construía a partir das narrativas das histórias de assombração. Os registros sobre os “causos” contados, de acontecimentos extraordinários que marcaram a vida das pessoas, como a depoente que se lembra do único dia em que os irmãos foram à escola. As características míticas das histórias de assombração remontam a um tempo mítico das origens da humanidade. A construção desse imaginário é rico em representações de valores, crenças, costumes.

A história mítica tem o paradoxo de ser ao mesmo tempo disjuntiva e conjuntiva em relação ao presente... Graças ao ritual o passado “disjuntivo” do mito articula-se, por um lado, com a periodização biológica e sazonal,

e, por outro, com o passado “conjunto” que, ao longo das gerações, une os mortos e os vivos (STRAUSS apud GANDON, 2001, p. 149). A união dos mortos, o passado, e dos vivos, o presente, dar-se-ia pela operação do imaginário das histórias mitológicas, de assombração. O ritual da memória reelabora o tempo e, a cada nova narrativa, a tradição se renova.

Dona Neuza disse não saber nada de história, mas, ao mesmo tempo, tirou a seguinte conclusão ao referir-se ao curso que estava fazendo e onde está estudando as matérias de Português e Matemática: “*não tinha história, não, acho que a gente não entendia muito, acho que eles se preocupam mais em ensinar a ler e escrever [...] era só matemática e aquele caderno pra gente aprender a fazer letras, assim, de caligrafia.*” (DONA NEUZA).

A história para Dona Neuza não era uma das preocupações do curso de alfabetização, que pretendia ensinar só a ler e escrever. Em sua opinião História, assim como ciências, devia ser difícil de aprender “*acho que a gente não ia aprender se ensinasse, é igual ciências, muito difícil [...]*” (DONA NEUZA).

Dona Margarida lembrou das histórias que a mãe contava: “*Minha mãe contava história, assim, que ela chamava de trancoso, Histórias de Trancoso. Ela contava histórias, assim, ela contava histórias pra nós, com uma lua tão bonita, nós sentava no terreiro e vai ouvir as histórias dela e ela contava do começo ao fim, cada história linda que precisava de ver, ela dizia que era de Trancoso. Agora, eu não sei o que é trancoso, ela dizia que era de lá as histórias, então acho que história tem a ver com Trancoso.*” (DONA MARGARIDA).

Interessante notar a sobrevivência na memória popular da denominação dos contos infantis em sua versão portuguesa. Não só o termo, a expressão verbal, sobreviveu ao tempo, mas também seu significado conceitual. Uma aproximação possível das histórias de Trancoso de Dona Margarida são as histórias de Trancoso de João Ubaldo Ribeiro (1984, p. 515): “mas explicou o cego, a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso.”

O cego Faustino, de *Viva o povo brasileiro*, é ácido no entendimento do que é história. Para ele, a história escrita baseada em documentos não é confiável, pois não conseguiria contar toda história, além do que a história tem várias interpretações “o que pra um é preto como carvão, para outro é alvo como jasmim.” (RIBEIRO, 1984, p. 515). O que para um é importante, para outro não existe. Os significados que a história tem para o personagem de João Ubaldo Ribeiro transitam hoje entre vários histori-

adores. A história não pode ser única, pois é construção individual determinada pelo lugar de onde fala o historiador, pelos documentos a que este tem acesso e, acima de tudo, determinada pelo olhar que o historiador lança sobre os documentos.

Dona Nadir e Dona Ermelinda responderam simplesmente que não sabiam o que era história. Dona Ermelinda fez uma comparação com as histórias que contamos para as crianças: “*é igual àquelas que as crianças gostam de ouvir?*” Existe nessa perspectiva do entendimento do que é história como aquela historinha infantil contada para os filhos na hora de dormir. É a história ficção, inventada. As muitas vezes que se levantam nos contos e nas histórias para crianças retratam, além do imaginário infantil, o imaginário de um grupo. São as histórias de fadas e de lendas que indicam as representações sobre o mundo em que vivem as entrevistadas.

O passado e a história não diferem muito para as depoentes; são componentes do imaginário que as conduzem até o presente. É a história vivida e a forma como vivem e pensam o mundo que as rodeia. É como compreendem a realidade. Os relatos que fazem sobre o passado no presente dão ao passado um sentido concreto, pois passado e presente na narrativa oral não possuem linhas demarcadas.

Notas

- 1 Este artigo é parte da tese de doutorado defendida em 2003 na UFPR, com o título: História do Brasil, histórias de brasileiros: história, passado e identidade na memória popular.
- 2 Foram entrevistadas sete mulheres que estavam freqüentando um programa de alfabetização de adultos oferecido por uma Organização Não governamental. Essas mulheres estavam em diferentes níveis de letramento. Todas freqüentaram a escola formal por menos de um ano em sua infância e permaneceram sem estudar durante toda a vida adulta, voltando a freqüentar um curso de alfabetização há menos de um ano. No momento da pesquisa acabavam de entrar no curso tendo os primeiros contatos com as aulas. A pesquisa foi realizada nos anos de 2000.
- 3 As mulheres entrevistadas por esta pesquisa são: Dona Maria de Lourdes, Dona Izaudite, Dona Neuza, Dona Margarida, Dona Ermelinda, Dona Tereza e Dona Nadir.

- 4 A Cerâmica Mortari, a que Dona Izaudite se refere, foi uma das primeiras cerâmicas da cidade, sendo fechada na década de 1970 e onde hoje está localizado o Hipermercado Condor, que manteve no estacionamento a placa de entrada da Cerâmica, e tem em seu interior uma reprodução fotográfica da Cerâmica. Vale ressaltar que o grupo construtor do Mercado Condor chegou à cidade na década de noventa do século XX.
- 5 Há nessa tarefa que empreendemos uma dificuldade marcada pela colonização recente do município que hoje tem 69 anos. Arquitetonicamente os edifícios não apresentam grandes modificações temporais, a não ser para aqueles que entendem as tendências da arquitetura dos últimos 50 anos. Muitas construções na cidade foram demolidas e deram lugar a prédios novos. Nosso trabalho, então, teve como objetivo principal mostrar o que as depoentes entendiam como antigo e qual o sentido que as questões ganhariam ao deslocar a memória de si mesmas para a cidade.
- 6 João Batista Vilanova Artigas ficou conhecido pelo estilo modernista, com projetos de amplos espaços e linhas retilíneas. O prédio da Rodoviária de Londrina foi construído em 1952. Abriga hoje o Museu de Arte de Londrina e foi tombado pelo patrimônio histórico em 8 de setembro de 1974, conserva características do projeto original, como a antiga plataforma de embarque de passageiros, coberto por arcos interligados.
- 7 As casas de palmeira foram amplamente utilizadas em Londrina, no início da colonização da cidade na década de 30 do século XX.
- 8 Hoje onde funcionava a ferroviária funciona o Museu Histórico. Por muito tempo os trilhos da estrada de ferro separaram socialmente os habitantes da cidade, aqueles que moravam acima da linha e os que moravam abaixo. A retirada dos trilhos da estrada de ferro não modificou a divisão social do lugar, que continua a ser lembrado como abaixo e acima da linha, hoje uma avenida que liga a cidade no sentido leste a oeste.
- 9 Dona Margarida tinha, à época da entrevista, 73 anos e a cidade de Londrina 67 anos.

Referências

- BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Los Angeles: Warner Bros, 1982. 1 bobina cinematográfica (118min), son., color.,35mm.
- CAINELLI, Marlene Rosa. *História do Brasil, histórias de brasileiros: história, passado e identidade na memória popular*. 1998. Tese (Doutorado em História Social)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Portugal: Celta,1993.
- GANDON, Tânia Risério D’Almeida. Entre memória e história: tempos múltiplos de um discurso de muitas vozes. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 149, 2001.
- LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. São Paulo: Educ, 1998. (Projeto História,17).
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- RÜSEN, Jorn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Unb, 2001.
- SEIXAS, Jacy Alves. *Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória histórica*. Curitiba: UFPR, 2002. (História: Questões e Debates, 32).

The sense of the past and history in popular memory: ideas about the past and history outside the school

Abstract:

This article discusses the sense of the past and history among people who have never attended a formal school. How do they remember the past? What relationship do they establish with history? What do the past and history mean for those who have never attended a formal school and are thus not familiar with the study of history?

Key words:

History. Identity. Memory.

El sentido del pasado y la historia en la memoria popular: ideas sobre la historia y el pasado fuera de la escuela

Resumen:

Quién nunca fue a la escuela tendría un sentido de pasado sobre la ciudad, del tiempo, y de la sociedad? El presente trabajo tiene por objetivo discutir el sentido que el pasado y la historia asume para las personas que nunca frecuentaron la escuela formal. Como se acuerdan del pasado y cuáles son las relaciones que establecen con la historia para aquellos que no pudieron acceder a la escuela y por lo tanto, al conocimiento histórico.

Palabras-clave:

Historia. Identidad. Memoria.

Marlene Rosa Cainelli
Departamento de História / CLCH
Universidade Estadual de Londrina
Campus Universitário
Rodovia Celso Garcia Cid(Pr445), Km380.
Fone: (43) 33714398 Fax: (43) 33714408
E-mail: cainelli@uel.br
marlenecainelli@sercomtel.com.br

Recebido em: 05/08/2005
Aprovado em: 10/09/2005